JC e-mail 2924, de 27 de Dezembro de 2005.

Anterior
Próxima
Índice de Not

Satélite que será lançado pelo Inpe em 2008 é 100% nacional

Cenário mundial de satélites de observação da Terra aponta para uma oportunidade de mercado sem precedentes para os satélites Cbers

Virgínia Silveira escreve para a "Gazeta Mercantil":

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) voltará, em 2006, a contratar serviços de satélites estrangeiros de sensoriamento remoto.

O prazo dos contratos será de dois anos, ou seja, até 2008, "quando o Inpe terá o grande desafio de lançar o SSR-1, o primeiro satélite de sensoriamento remoto inteiramente nacional", disse a este jornal o diretor da instituição, Gilberto Câmara.

Antes do lançamento do Cbers (Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres), que como indica sua denominação foi desenvolvido com a China, o Brasil desembolsava cerca de US$ 1,5 milhão ao ano na compra de imagens de satélites estrangeiros de sensoriamento remoto.

Mas para conseguir maior cobertura temporal do território nacional, o Cbers não basta.

O Inpe usará as imagens dos satélites de observação da Terra Landsat-5 (americano), IRS (indiano) e o europeu Envisat, com sensor radar, ideal para o monitoramento da Amazônia em dias de cobertura de nuvens.

O Inpe terá um custo de R$ 500 mil a R$ 1 milhão com o uso de satélites estrangeiros de 2006 a 2007, segundo o diretor.

Para 2008 o Inpe planeja lançar o SSR-1, o primeiro satélite totalmente desenvolvido no País. A situação atual, em termos de disponibilidade de satélites de observação da Terra, não é das melhores.

Segundo Câmara, o Landsat americano está operando de forma precária e vai parar em 2010. O francês Spot interrompe sua operação em 2007.

"O governo dos EUA diminuiu o interesse nas questões ambientais e os europeus estão priorizando a área de infra-estrutura européia de defesa, com investimentos focados no projeto da constelação de satélites Galileo, semelhante ao GPS".

A nova geração de satélites de imageamento europeus, segundo o diretor, é de duplo uso (reconhecimento civil e militar) e alta resolução (um metro), por isso o acesso aos seus serviços é mais restrito. O tempo de revisita ao mesmo ponto de um satélite com essa resolução é de 100 dias.

"Para detecção de desmatamento o ideal é que o satélite tenha de 50 a 250 metros de resolução e de um a dez dias de revisita. Para mapeamento do desmatamento a resolução adequada é de 5 a 50 metros e tempo de revisita de 10 a 30 dias".

O satélite SSR-1, segundo Câmara, terá duas câmeras com resolução de 70 metros e dois dias e meio de revisita.

O cenário mundial de satélites de observação da Terra aponta para uma oportunidade de mercado sem precedentes para os satélites Cbers.

Brasil e China já negociam, inclusive, a criação de um instrumento legal para a comercialização das imagens dos satélites em outros países. A previsão é de um faturamento entre US$ 15 milhões e US$ 20 milhões por ano.

"Podemos ganhar mais dinheiro com a venda das estações de recepção das imagens do Cbers, já que dominamos essa tecnologia no Brasil. Cada estação dessas custa cerca de US$ 3 milhões a US$ 4 milhões".

O diretor do Inpe prevê uma demanda de cinco a 10 estações de recepção nos próximos três a quatro anos. Os países europeus, os EUA, Argentina, Venezuela, África do Sul e Austrália já estão interessados, disse o diretor do Inpe.

Para cumprir todos os compromissos do Programa Nacional de Atividades Espaciais (PNAE), segundo Câmara, o governo precisa ampliar o orçamento do programa espacial, que em 2006 será da ordem de US$ 100 milhões.

"Precisamos aumentar em pelo menos 50% o valor dos recursos para cumprir as metas estabelecidas para o próximo ano".

O Brasil, segundo o diretor, tem hoje a necessidade de informações que são atendidas de forma eficiente com os recursos do programa espacial.

Um exemplo é o imageamento de áreas de grande extensão, como a Amazônia. Os satélites são os meios mais eficientes e rápidos para fazer esse trabalho.

"Trata-se também de um projeto estratégico. Não podemos correr o risco de interrupção do fluxo de imagens do nosso território, como em 1982, quando não tínhamos o Cbers e os EUA deixaram de disponibilizar as imagens do satélite meteorológico GOES para que a Argentina, em plena Guerra das Malvinas, não tivesse acesso aos dados":
(Gazeta Mercantil, 27/12)

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC©2002
Todos os direitos reservados / All rights reserved